



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ORIENTAÇÕES PASTORAIS SOBRE A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

**34ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente/1994
Brasília, DF, 22 a 25 de novembro de 1994**

APRESENTAÇÃO

Em várias oportunidades, no decorrer dos últimos anos, a Renovação Carismática Católica tem merecido a atenção de nossos Bispos. A 32ª Assembléia Geral da CNBB, em abril de 1994, começou a estudar um projeto de orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, elaborado após ampla consulta a todas as Dioceses do País. Dado o acúmulo de trabalhos, a Assembléia não pôde concluir o estudo, delegando à Presidência, Comissão Episcopal de Pastoral e ao Conselho Permanente o prosseguimento do mesmo até sua aprovação final.

Uma nova comissão episcopal foi constituída e retomou o trabalho em diálogo com a Comissão Nacional da RCC e com Bispos e padres a ela mais ligados. Outras colaborações foram igualmente pedidas e recebidas. A partir de tudo isso a comissão elaborou um novo texto enviado à Presidência e CEP e por elas cuidadosamente estudado.

As sugestões apresentadas levaram a comissão a reelaborar o texto, resultando numa segunda redação significativamente modificada. Enviado previamente a todos os membros do Conselho Permanente, o texto foi reescrito a partir das indicações feitas. Foi, portanto, uma terceira redação do texto que o Conselho discutiu, modificou e votou em sua reunião de novembro deste ano, aprovando-o por unanimidade de seus membros.

É o resultado desse longo e cuidadoso trabalho que a CNBB entrega, agora, às Igrejas Particulares rogando a Maria, Mãe da Igreja, possam estas orientações pastorais contribuir para o crescimento da comunhão e do ardor missionário de nossas comunidades, dos membros da RCC e de todos os fiéis.

Brasília, 27 de novembro de 1994.
1º Domingo do Advento do Senhor.

D. A. Celso Queiroz
Secretário-Geral da CNBB

INTRODUÇÃO

1. Como pastores da Igreja Católica no Brasil, nós, Bispos, nos dirigimos a todos os fiéis, propondo uma reflexão sobre a Renovação Carismática Católica (RCC). De modo especial nos dirigimos aos fiéis que nela têm encontrado meios de crescimento em sua vida espiritual e apostólica.

2. O Espírito Santo anima e sustenta a vitalidade da Igreja em sua dupla dimensão fundamental de comunhão e missão. Ele suscita, orienta e assiste os grandes acontecimentos eclesiais como o Concílio Ecumênico, os Sínodos Episcopais, as Conferências dos Bispos e de outros membros do Povo de Deus, as Assembléias Diocesanas e outras... Ele sustenta também toda a grande obra missionária no mundo. É

o mesmo Espírito que faz brotar sempre novas iniciativas no seio do Povo de Deus. Entre os vários movimentos de renovação espiritual e pastoral do tempo pós-conciliar, surgiu a RCC que tem trazido novo dinamismo e entusiasmo para a vida de muitos cristãos e comunidades.

3. Como Bispos, procuramos estar sempre atentos à ação do Espírito, ajudando os cristãos a valorizá-la. Frequentemente enfatizamos algum aspecto determinado da vida da Igreja que necessita de especial estímulo ou cuidado. É assim que neste ano temos incentivado nossas comunidades para a celebração do Ano Missionário. Recentemente refletimos também com as CEBs ajudando-as a prosseguirem fiéis em seu caminho. Nossa missão nos leva também a ajudar a discernir as verdadeiras moções do Espírito, incentivando tudo aquilo que contribui para o crescimento da Igreja e a realização da sua missão. Em tudo, a busca da fidelidade deve ser constante, busca realizada na humildade e em espírito de comunhão.

4. As orientações fundamentais que aqui propomos para a RCC são válidas e necessárias também para todas as comunidades em geral e para os demais movimentos e organismos de Igreja. Todos devemos aprofundar nossa vivência eclesial, valorizando os novos caminhos que o Espírito suscita e evitando deturpações e atitudes parciais que dificultam a comunhão eclesial.

5. Nossa reflexão parte de uma meditação sobre o Espírito Santo no mistério e na vida da Igreja, e se desdobra a seguir com orientações pastorais sobre a Igreja Particular, a Leitura e Interpretação da Bíblia, a Liturgia, e as Dimensões da Fé. Finalizamos com algumas indicações de ordem mais prática e concreta.

6. Este texto é oferecido aos membros da RCC para ser refletido e aprofundado. Ele quer ser ponto de referência para um diálogo constante dos pastores com os fiéis nos vários níveis da vida de Igreja.

I. O ESPÍRITO SANTO NO MISTÉRIO E NA VIDA DA IGREJA

7. O Mistério da Igreja surge na história pela missão do Filho de Deus e do Espírito Santo. Enviado pelo Pai, o Verbo Divino assume a natureza humana para instaurar o Reino de Deus na terra e instituir a Igreja a seu serviço, como “germe e princípio” desse Reino (cf. LG, 5b)¹. Enviado pelo Pai e pelo Filho, o Espírito Santo vivifica a Igreja e a faz crescer como Corpo Místico de Cristo (LG, 8)².

8. Estando para consumir a obra que o Pai lhe confiara, Jesus promete o envio do Espírito Santo que continua e aprofunda a própria missão de Cristo (cf. Jo 14,17.26)³. Ele não falará por si mesmo, mas ensinará e recordará aos discípulos tudo o que Jesus lhes disse (cf. Jo 14,26)⁴. Ele glorificará Jesus porque receberá o que é de Jesus e o comunicará (cf. Jo 16,14)⁵.

9. Em Pentecostes, pela força do Espírito Santo, os apóstolos se tornam testemunhas da Ressurreição (cf. At 1,8; 5,32)⁶ e a Igreja-comunhão inicia a sua missão, espalhando-se pelo mundo com dons e carismas diferentes. “Jesus continua sua missão evangelizadora pela ação do Espírito Santo, o agente principal da evangelização, através de sua Igreja” (CNBB, Doc. 45, 255)⁷. O Espírito Santo, protagonista de toda missão eclesial (RMI, 21)⁸ leva a Igreja a “evangelizar com renovado ardor missionário”.

10. O Espírito Santo é o intercessor que nos introduz na vida da Trindade, para a realização do projeto de Deus, na adoção filial, na glorificação dos filhos de Deus e da própria criação (cf. Rm 8,19-27)⁹. Faz de cada cristão uma testemunha (cf. At 1,8 e 5,32)¹⁰, gera dinamismo interior nos apóstolos, tornando-os os primeiros evangelizadores na expansão missionária da Igreja, realiza a unidade entre os que crêem para que sejam “um só coração e uma só alma” (At 4,32)¹¹, e para permanecerem unidos “na doutrina dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42)¹². Habitando em nós (cf. Rm 8,9)¹³, faz morrer as obras do pecado

(cf. Rm 8,12)¹⁴. Ele comunica a verdadeira paz, que é comunhão na vida feliz de Deus. É Aquele que “vem em auxílio de nossa fraqueza porque nem sabemos o que convém pedir” (Rm 8,26)¹⁵.

11. O cristão, pela graça batismal, é introduzido na intimidade da vida trinitária, partilhando da sua riqueza na comunidade eclesial. A plena comunhão da Trindade manifesta-se na Comunidade-Igreja e oferece vida nova (cf. 2Pd 1,4; Ef 4,24; Cl 3,10)¹⁶ de relacionamento de filhos com o Pai (Gl 4,6)¹⁷.

12. Quem se deixa conduzir pelo Espírito Santo faz de sua vida um testemunho de Jesus Bom Pastor (cf. Jo 10,10)¹⁸. Não poderá, portanto, retirar-se dos problemas e ambigüidades da convivência humana, mas buscará construir fraternidade. “Não são os que dizem Senhor, Senhor que entrarão no Reino de Deus, mas os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21)¹⁹.

13. O Espírito ensina, santifica e conduz o Povo de Deus através da pregação e acolhida da Palavra, da celebração dos sacramentos e da orientação dos pastores. Distribui também graças ou dons especiais “a cada um como lhe apraz” (1Cor 12,11)²⁰, sempre “para a utilidade comum”. Por essas graças, Ele “os torna aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios, que contribuem para a renovação e maior incremento da Igreja (cf. 1Cor 12,2; LG 12b)²¹.

14. O Espírito Santo distribui seus dons aos fiéis, de tal forma que ninguém possui todos eles, como ninguém está totalmente privado deles (cf. 1Cor 12,4ss)²². Esses dons são sempre para o serviço da comunidade (cf. 1Cor 14)²³. Não é a experiência dos carismas que exprime a perfeição da salvação, mas a caridade que deve perpassar toda a vida do cristão (cf. Mc 12, 28-31; 1Cor 13)²⁴. Procurá-la é o primeiro e melhor caminho para a edificação do Corpo de Cristo que é a Igreja (cf. 1Cor 12,31-13,13; LG, 42; AA, 3)²⁵.

15. Hoje ele continua renovando a Igreja através de múltiplas e novas expressões de fé e coerência cristã. Podemos enumerar como frutos do Espírito os novos sujeitos da evangelização; a expansão e vitalidade das CEBs; movimentos de renovação espiritual e pastoral; a própria RCC; o engajamento de leigos na transformação da sociedade; a leitura da Bíblia à luz das situações vividas na comunidade; a liturgia mais participada com a riqueza de seus ritos e simbologia; a busca de evangelização inculturada; a fidelidade de muitos na vida cotidiana; as lutas do povo para a implantação dos direitos humanos; a prática da justiça e da promoção social (cf. CNBB, Doc. 45, 301-302)²⁶.

II. ORIENTAÇÕES PASTORAIS

A) A Igreja Particular

16. O Concílio Vaticano II ensina que a Igreja Particular é uma porção do Povo de Deus, confiada a um bispo para que a pastoreie com a cooperação do presbitério e dos diáconos. Nela verdadeiramente reside e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo (cf. CD, 11)²⁷.

17. “Conforme o próprio Concílio Vaticano II, a comunidade eclesial é edificada pelo Espírito Santo, mediante o anúncio da Palavra (Evangelho), a celebração da Eucaristia e dos outros sacramentos, a vida de comunhão do Povo de Deus com seus carismas e ministérios, entre os quais sobressai o ministério episcopal-presbiteral-diaconal, que tem a responsabilidade de garantir os laços que unem a comunidade de hoje com a Igreja apostólica e com o projeto missionário, evangelizador, que lhe é confiado até o fim dos tempos” (CNBB, Doc. 45, 196)²⁸.

18. A liberdade associativa dos fiéis é reconhecida e garantida pelo Direito Canônico e deve ser exercida na comunhão eclesial. O Papa João Paulo II, na sua Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (n. 30)²⁹, aponta critérios fundamentais para o

discernimento de toda e qualquer associação dos fiéis leigos na Igreja, que podem ser aplicados a todos os grupos eclesiais:

- o primado dado à vocação de cada cristão à santidade, favorecendo e encorajando “uma unidade íntima entre a vida prática dos membros e a própria fé” (AA, 19)³⁰;
- a responsabilidade em professar a fé católica, no seu conteúdo integral, acolhendo e professando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre a pessoa humana;
- o testemunho de uma comunhão sólida com o papa e com o bispo, e na “estima recíproca de todas as formas de apostolado da Igreja” (AA, 23)³¹;
- a conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja, que é a evangelização e santificação dos homens... de modo a permear de espírito evangélico as várias comunidades e os vários ambientes (cf. AA, 20)³²;
- o empenho de uma presença na sociedade humana a serviço da dignidade integral da pessoa humana, mediante a participação e solidariedade, para construir condições mais justas e fraternas no seio da sociedade.

19. Reconhecendo-se a presença da RCC em muitas Dioceses e também a contribuição que tem trazido à Igreja no Brasil, é preciso estabelecer o diálogo fraterno no seio da comunidade eclesial, apoiando o sadio pluralismo, acolhendo a diversidade de carismas e corrigindo o que for necessário.

20. Nenhum grupo na Igreja deve subestimar outros grupos diferentes, julgando-se ser o único autenticamente cristão.

21. A RCC assuma com fidelidade as diretrizes e orientações pastorais da CNBB. A Coordenação Nacional da RCC terá um bispo designado pela CNBB, como seu Assistente Espiritual, que lhe dará acompanhamento e ajudará nas questões de caráter nacional, zelando pela reta aplicação destas orientações pastorais, sem prejuízo da autoridade de cada bispo diocesano.

22. A RCC assuma também as opções, diretrizes e orientações da Igreja Particular onde se faz presente, evitando qualquer paralelismo e integrando-se na pastoral orgânica.

23. Os Bispos e os párocos procurem dar acompanhamento à RCC diretamente ou através de pessoas capacitadas para isso. Por sua vez, a RCC aceite as orientações e colabore com as pessoas encarregadas desse acompanhamento.

24. Os membros da RCC participem dos Encontros, Cursos, Círculos Bíblicos e outras atividades pastorais e de formação promovidos pelas Igrejas Particulares, bem como dos momentos fortes que marcam a vida eclesial, tais como Campanha da Fraternidade, Mês da Bíblia, Mês Missionário, Preparação de Natal e outros.

25. Deve-se também reconhecer a legitimidade de encontros e reuniões específicos da RCC, nos quais seus membros buscam aprofundar sua espiritualidade e métodos próprios, dentro da doutrina da fé e da grande comunhão da Igreja Católica.

26. As Equipes de coordenação da RCC, integradas às diversas instâncias pastorais da Igreja Particular, visem uma comunhão plena com as Comunidades, Associações, Pastorais Específicas, Serviços e Organismos existentes na Diocese, respeitando-os, valorizando-os, reconhecendo-os e colaborando com elas na busca de uma autêntica articulação pastoral (cf. CNBB, Doc. 45, 295-296)³³.

27. Os Grupos de Oração alimentem o espírito de comunhão eclesial, busquem o crescimento na fé e a perseverança de seus participantes levando-os a um efetivo compromisso na evangelização engajando-se na Comunidade, Paróquia e Diocese.

28. As tarefas de coordenação, animação de grupos e de evangelização sejam confiadas a pessoas adequadamente preparadas e de comprovada vivência cristã.

29. Evite-se na RCC a utilização de termos já consagrados na linguagem comum da Igreja e que na RCC assumem significado diferente, tais como pastor, pastoreio, ministério, evangelizador e outros.

30. O programa recentemente lançado pela RCC no Brasil, intitulado "Ofensiva Nacional", assumo o Objetivo e as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil. Seus projetos só poderão ser implantados em sintonia com os organismos pastorais da Diocese.

31. Os convites a pessoas de outras Dioceses para conferências, palestras, seminários e outros eventos, sejam feitos com a devida anuência do bispo diocesano ou de quem for por ele indicado.

32. Os manuais de oração, livros de estudos bíblicos e de formação doutrinal, dada sua importância pastoral, tenham aprovação eclesial.

B) Leitura e Interpretação da Bíblia

33. A Palavra de Deus é a própria presença do Deus que fala: "Escutai as Escrituras... elas dão testemunho de mim" (Jo 5,39)³⁴. Cristo, Evangelho vivo do Pai, não só é o centro da Bíblia, mas também seu intérprete (cf. Lc 24,13-35)³⁵. A "Igreja venera as divinas Escrituras como o próprio Corpo do Senhor" (DV, 21)³⁶. E não apenas transmite a Palavra de Deus, mas também a interpreta (cf. *Interpretação da Bíblia na Igreja*, Pontifícia Comissão Bíblica, 127)³⁷.

34. A Bíblia manifesta o Plano salvífico de Deus de modo unitário. Por isso, não se podem utilizar textos ou palavras, sem referência ao contexto e ao conjunto da Bíblia (cf. *idem*, 142)³⁸.

35. Para não prejudicar uma reta leitura da Bíblia, é preciso estar atentos para não cair, entre outros, nos seguintes perigos: 1º O fundamentalismo, que é fixar-se apenas no que as palavras dizem "materialmente" sem respeitar o contexto nem a contribuição das ciências bíblicas; 2º O intimismo, que é interpretar a Bíblia de modo subjetivo, e até mágico, fazendo o texto dizer o que não era intenção dos autores sagrados. Sobre isso, sigam-se as orientações do Magistério, especialmente o recente documento da Pontifícia Comissão Bíblica sobre a interpretação da Bíblia na Igreja.

36. É urgente a formação doutrinal de todos os fiéis, seja para o natural dinamismo da fé, seja para iluminar com critérios evangélicos os graves e complexos problemas do mundo contemporâneo (ChL, 60)³⁹. Dê-se especial importância à formação bíblica, que ofereça sólidos princípios de interpretação.

37. Estimule-se a prática da leitura orante da Bíblia (= lectio divina), fazendo dela fonte e inspiração de nosso encontro com Deus e com os irmãos.

C) Liturgia

38. "Na Liturgia, especialmente na Eucaristia, celebra-se a realidade fundamental da Páscoa: morte e ressurreição de Jesus Cristo, morte e ressurreição do batizado com Cristo. Na ação litúrgica, devem encontrar espaço todas as realidades da vida cotidiana do cristão, pois é com todos os aspectos da sua pessoa que ele tem de passar deste mundo ao Pai. Ao participar na celebração, o cristão terá presente suas aspirações, alegrias, sofrimentos, projetos, bem como os de todos os seus irmãos. E colocará todas estas intenções na oração que sua comunidade, com toda a Igreja, dirige ao Pai, com Cristo Salvador, na unidade do Espírito Santo" (João Paulo II, *Diretrizes aos Bispos do Brasil*, Loyola, 1991, p.44)⁴⁰.

39. "A dimensão litúrgica exprime, pois, o caráter celebrativo da Igreja. Constitui, na terra, a expressão mais significativa da comunhão eclesial. Na Liturgia, o Povo de Deus

encontra seu maior momento de festa e de comunhão eclesial” (CNBB, Doc. 45, 92)⁴¹. Por isso, seja dada especial atenção à formação litúrgica de todos os membros da RCC para maior compreensão e vivência do mistério e de sua expressão simbólico-ritual e ministerial, visando uma autêntica prática celebrativa, que leve em conta o espaço e o tempo litúrgico.

40. Nas celebrações, observe-se a legislação litúrgica que, embora estabeleça normas precisas para certos momentos, abre amplo espaço para a criatividade. Não se introduzam elementos estranhos à tradição litúrgica da Igreja ou que estejam em desacordo com o que estabelece o Magistério ou aquilo que é exigido pela própria índole da celebração.

41. Na celebração da Missa, não se deve salientar de modo inadequado as palavras da Instituição, nem se interrompa a Oração Eucarística para momentos de louvor a Cristo presente na Eucaristia com aplausos, vivas, procissões, hinos de louvor eucarístico e outras manifestações que exaltem de tal maneira o sentido da presença real que acabem esvaziando as várias dimensões da celebração eucarística.

42. Os cantos e os gestos sejam adequados ao momento celebrativo e de acordo com os critérios exigidos para a celebração litúrgica. São preciosas e oportunas as orientações do documento n. 43 da CNBB sobre *Animação da vida litúrgica no Brasil*. Procure-se distinguir cantos para uso litúrgico e cantos para encontros. Valorizem-se os Hinários Litúrgicos publicados pela CNBB, os Livros de Cantos das Igrejas Particulares e outros Hinários difundidos entre o povo.

43. A Celebração Eucarística, a distribuição da Sagrada Comunhão fora da Missa e o Culto Eucarístico realizem-se dentro das normas litúrgicas, as diretrizes da CNBB e as orientações do bispo diocesano.

44. Cuide-se para que não haja coincidência de reuniões de grupos ou outras iniciativas da RCC com a celebração da Santa Missa ou outras celebrações da comunidade eclesial.

D) Dimensões da vivência da Fé

45. “Pela vivência do mistério de Cristo na vida cotidiana, o Povo de Deus aprofunda constantemente o sentido da fé” (CNBB, Doc. 45, 86)⁴². A própria dinâmica da fé comporta tanto a dimensão pessoal e subjetiva, como a comunitária. “A fé nasce do anúncio e cada comunidade eclesial consolida-se e vive da resposta pessoal de cada fiel a esse anúncio” (RMI, 44)⁴³.

46. “A experiência religioso-cristã não se realiza em mera experiência subjetiva, mas no encontro com a Palavra de Deus confiada ao Magistério e à Tradição da Igreja, nos sacramentos e na comunhão eclesial” (CNBB, Doc. 45, 175)⁴⁴. Isso faz parte do desígnio de Deus a quem aprouve “chamar os homens a participar da sua própria vida, não um a um, mas constituídos como povo, no qual seus filhos dispersos fossem reconduzidos à unidade” (AG 2)⁴⁵.

47. A fé não pode ser reduzida a uma busca de satisfação de exigências íntimas e de resposta às necessidades imediatas. Nem se pode propor a fé cristã sem a dimensão da cruz, inerente ao seguimento de Jesus Cristo (cf. Lc 14, 25-35)⁴⁶, caminho para a vida plena na ressurreição.

48. É fundamental para a realização da vida cristã e da ação pastoral o sentido comunitário da fé. A formação de pessoas e de comunidades vivas e maduras na fé é resposta aos desafios da Nova Evangelização e da ação missionária. A missão nasce da fé em Jesus Cristo e fortifica-se quando partilhada (cf. RMI, 4 e 2)⁴⁷.

49. A espiritualidade cristã integra o social e o espiritual, o humano e o religioso. Não está, porém, isenta das ambigüidades e mesmo distorções que podem caracterizar as

reações do psiquismo humano, seja individual, seja grupal. Por isso, evite-se alimentar um clima de exaltação da emoção e do sentimento, que enfatiza apenas a dimensão subjetiva da experiência da fé.

50. Para expandir o projeto de Deus, o cristão deve comprometer-se com a criação de uma sociedade justa e solidária, eliminando o pecado como gerador de divisão com Deus e os irmãos. A dimensão social da fé, à luz da Doutrina Social da Igreja, requer a luta para debelar as estruturas de pecado: pessoal, comunitário, social e estrutural, e assim estabelecer o Reino de Cristo e de Deus (cf. LG, 5)⁴⁸. Recomenda-se, pois, que membros dos grupos de oração sejam animados a assumir projetos de promoção humana e social, especialmente dos pobres e marginalizados.

51. A evangélica opção preferencial pelos pobres é um dom do Espírito Santo à Igreja, que é também concedido, como carisma especial, a alguns grupos de cristãos leigos, a certas famílias religiosas e a muitos fiéis. Segundo a recomendação do apóstolo: “aspirai aos carismas melhores” (1Cor 12,31)⁴⁹, a vivência da opção pelos pobres deve ser desejada e implorada por todos como carisma precioso, a ser vivido em nossos dias, como sinal da presença do Reino.

52. A falta de coerência entre a fé que se professa e a vida cotidiana é uma das várias causas que geram pobreza em nosso País. Os cristãos nem sempre souberam encontrar na fé a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis pela organização social, econômica e política de nosso povo (cf. DSD 161)⁵⁰.

E) Questões Particulares

53. Alguns temas necessitam de maior aprofundamento teológico, diálogo eclesial e orientação pastoral, tais como: Batismo no Espírito Santo, dons e carismas, dom da cura, orar e falar em línguas, profecia, repouso no Espírito, poder do mal e exorcismo.

54. A palavra “Batismo” significa tradicionalmente o sacramento da iniciação cristã. Por isso, será melhor evitar o uso da expressão “**Batismo no Espírito**”, ambígua, por sugerir uma espécie de sacramento. Poderão ser usados termos como “efusão do Espírito Santo”, “derramamento do Espírito Santo”. Do mesmo modo, não se utilize o termo “confirmação” para não confundir com o sacramento da Crisma (cf. Comissão Episcopal de Doutrina, Comunicado Mensal, Dez. de 1993, 2217)⁵¹.

55. **Dons e Carismas:** O grande dom, que deve ser por todos desejado, é o da caridade: “Aspirai aos dons mais altos. Aliás, passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos...” (1Cor 12,31-13,13)⁵². “A caridade é o primeiro dom e o mais necessário, pelo qual amamos a Deus acima de tudo e o próximo por causa dele” (LG, 42)⁵³.

56. “O Espírito Santo unifica a Igreja na comunhão e no ministério. Dota-a e dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos” (LG, 4)⁵⁴. O Espírito opera “pelas múltiplas graças especiais, chamadas de carismas, através das quais torna os fiéis aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios que contribuem para a renovação e maior incremento da Igreja” (Catecismo da Igreja Católica, 798)⁵⁵. Os carismas devem ser recebidos com gratidão e consolação. E não devem ser temerariamente pedidos nem se ter a presunção de possuí-los (cf. LG, 12)⁵⁶.

57. Haja muito discernimento na identificação de carismas e dons extraordinários. Diante das pessoas que teriam carismas especiais, o juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos pastores da Igreja. A eles, em especial, cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas para ficar com o que é bom (cf. 1Ts 5,12.19.21)⁵⁷. Assim, também no que se refere aos carismas, a RCC se atenha rigorosamente às orientações do Bispo diocesano.

58. **Dom da cura:** O Senhor dá a algumas pessoas um carisma especial de cura, para manifestar a força da graça do Ressuscitado. No entanto, as orações mais intensas não conseguem obter a cura de todas as doenças. São Paulo aprende do Senhor que “basta minha graça, pois é na fraqueza que minha força manifesta todo seu poder” (2Cor 12,9)⁵⁸, e que os sofrimentos que temos que superar podem ter como sentido “completar na minha carne o que falta às tribulações de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24)⁵⁹.

59. Ao implorar a cura, nos encontros da RCC ou em outras celebrações, não se adote qualquer atitude que possa resvalar para um espírito milagreiro e mágico, estranho à prática da Igreja Católica (cf. Eclo 38,11-12)⁶⁰.

60. Nas celebrações com doentes, não se usem gestos que dão a falsa impressão de um gesto sacramental coletivo ou que uma espécie de “fluido espiritual” viesse a operar curas.

61. O Óleo dos Enfermos não deve ser usado fora da celebração do Sacramento. Para não criar confusão na mente dos fiéis, quem não é sacerdote não faça uso do óleo em bênção de doentes, mas use apenas o Ritual de Bênçãos oficial da Igreja.

62. **Orar e falar em línguas:** O destinatário da oração em línguas é o próprio Deus, por ser uma atitude da pessoa absorvida em conversa particular com Deus. E o destinatário do falar em línguas é a comunidade. O apóstolo Paulo ensina: “Numa assembléia prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também aos outros, a dizer dez mil palavras em línguas” (1Cor 14,19)⁶¹. Como é difícil discernir, na prática, entre inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete.

63. **Dom da profecia:** Na Bíblia, profeta é o que fala em nome de Deus. Significa, pois, um evangelizador. É a comunicação de assuntos espirituais aos participantes de reuniões comunitárias, aos quais se dirigem palavras de exortação e encorajamento. “Aquele que profetiza, fala aos homens: edifica, consola, exorta” (1Cor 14,3)⁶². É um dom para o bem da comunidade e não tem em vista adivinhações futuras.

64. Haja grande discernimento quanto ao dom da profecia, eliminando qualquer dependência mágica e até supersticiosa.

65. Em Assembléias, grupos de oração, retiros e outras reuniões evite-se a prática do assim chamado “repouso no Espírito”. Essa prática exige maior aprofundamento, estudo e discernimento.

66. **Poder do mal e exorcismo:** Cristo venceu o demônio e todo o espírito do mal. Nem tudo se pode atribuir ao demônio, esquecendo-se o jogo das causas segundas e outros fatores psicológicos e até patológicos.

67. Quanto ao “poder do mal”, não se exagere a sua importância. E não se presuma ter o poder de “expulsar” demônios. O exorcismo só pode ser exercido de acordo com o que estabelece o Código de Direito Canônico (Cân. 1172)⁶³. Por isso, seja afastada a prática, onde houver, do exorcismo exercido por conta própria.

68. Procure-se, ainda, formar adequadamente as lideranças e os membros da RCC para superar uma preocupação exagerada com o demônio, que cria ou reforça uma mentalidade feitichista, infelizmente presente em muitos ambientes.

CONCLUSÃO

69. As orientações aqui oferecidas são expressão da solicitude pastoral com que o episcopado brasileiro acompanha a RCC e seu carisma próprio dentro do legítimo

pluralismo, mas também mostrando sua preocupação com desvios ocorridos, que são prejudiciais para a RCC e para toda a Igreja.

70. Seja este um ponto de partida para uma nova e mais fecunda etapa em que a RCC há de buscar sua maior integração nas Igrejas Particulares, em conformidade com as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil.

71. Pedimos a Deus que abençoe os membros da RCC e a todos que se empenham, nos dias de hoje, com humildade e confiança a viver a vocação à santidade e o compromisso missionário. Maria, Mãe da Igreja, interceda para que todos, no seguimento de Jesus Cristo, aspirando aos diversos dons do Espírito, procurem sempre o amor que permanece (1Cor 14,1)⁶⁴.

Nota:1

cf. **LG, 5b**: “Depois de morrer na cruz, por todos os seres humanos, Jesus ressuscitou, aparecendo como Senhor, Cristo e sacerdote para sempre (cf. At 2, 36; cf. Hb 5, 6; 7, 17-21). Derramou então nos seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai (cf. At 2, 33).

A Igreja foi assim enriquecida pelos dons do seu fundador. Procurando observar fielmente seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebe a missão de anunciar e de promover o reino de Cristo e de Deus junto a todos os povos. Constitui pois, a Igreja, o germe e o início do reino na terra. Enquanto vai crescendo, aspira de todo coração pela consumação do reino e deseja, com todas as suas forças, unir-se a seu rei na glória”.

Nota:2

cf. **LG, 8**: “Mediador único, Cristo constituiu sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e caridade como realidade visível na terra, de que garante a continuidade, para a todos levar a verdade e a graça.

Sociedade hierarquicamente estruturada e corpo místico de Cristo, grupo visível de pessoas e comunidade invisível, Igreja terrestre, mas ao mesmo tempo cumulada de bens celestiais, não pode ser considerada duas coisas, mas uma única realidade complexa, composta de dois elementos, o humano e o divino.

Compara-se pois, em profundidade, com o mistério do Verbo encarnado. Assim como a natureza humana, assumida pelo Verbo divino qual instrumento vivo da salvação, o serve, estando-lhe intimamente unida, a realidade social da Igreja está a serviço do Espírito de Cristo, que a anima, em vista do crescimento do corpo (cf. Ef 4, 16).

Assim é a única Igreja de Cristo, que professamos no Credo ser una, santa, católica e apostólica. Cristo ressuscitado a entregou aos cuidados de Pedro (cf. Jo 21, 17), confiou-a a ele e aos demais apóstolos, para ser difundida e governada (cf. Mt 28, 18ss) e a estabeleceu para sempre como alicerce e coluna da verdade (cf. 1Tm 3, 15).

Constituída e estabelecida assim como sociedade, neste mundo, a Igreja subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos, em comunhão com ele. Todavia, fora de sua realidade visível, encontram-se muitos elementos de santidade e de verdade. São riquezas autênticas da Igreja de Cristo. Verdadeiros apelos à unidade católica.

Ora, assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, a Igreja é também chamada a trilhar o mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo, que existia na condição divina, aniquilou-se, assumindo a condição de servo (Fl 2, 6-7), por nossa causa se tornou pobre, embora fosse rico (2Cor 8, 9). Assim também a Igreja, apesar dos recursos necessários ao cumprimento de sua missão, não cresce em função do sucesso, mas da humildade e da abnegação que venha a proclamar, inclusive pelo exemplo.

Cristo foi enviado pelo Pai para evangelizar os pobres e aliviar os corações feridos (Lc 4, 18), buscar e salvar os que se haviam perdido (Lc 19, 10). Da mesma forma, a Igreja envolve com amor todos os que sofrem. Reconhece nos pobres e nos desvalidos a imagem de seu fundador, pobre e sofredor, empenha-se em combater a pobreza e se coloca a serviço dos pobres, como a serviço de Cristo.

Santo, inocente e imaculado (Hb 7, 26), Cristo jamais pecou (cf. 2Cor 5, 21). Veio se oferecer unicamente pelos pecados dos outros (cf. Hb 2, 17). A Igreja, porém, tendo em seu seio pecadores, é ao mesmo tempo santa e está em constante purificação, não deixando jamais de fazer penitência e de buscar sua própria renovação.

A Igreja caminha entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus anunciando a cruz e a morte do Senhor até que ele venha (cf. 1Cor 11, 26). Manifestar-se-á então em plena luz a força do Senhor ressuscitado que a sustenta e a faz superar com paciência e amor todas as aflições e dificuldades internas ou externas. Assim, a Igreja revela fielmente ao mundo o mistério de Cristo, embora de maneira velada”.

Nota:3

cf. **Jo 14,17.26**: “Ele é o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece. Vocês o conhecem, porque ele mora com vocês, e estará com vocês. (...) Mas o Advogado, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse”.

Nota:4

cf. **Jo 14,26**: “Mas o Advogado, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse”.

Nota:5

cf. **Jo 16,14**: “O Espírito da Verdade manifestará a minha glória, porque ele vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês”.

Nota:6

cf. **At 1,8**: “Mas o Espírito Santo descera sobre vocês, e dele receberão força para serem as minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os extremos da terra”.

cf. **At 5,32**: “E nós somos testemunhas dessas coisas, nós e o Espírito Santo, que Deus concedeu àqueles que lhe obedecem”.

Nota:7

cf. **CNBB**, Doc. 45, 255: “Jesus Cristo continua sua missão evangelizadora pela ação do Espírito Santo, o agente principal da Evangelização, através de sua Igreja”.

Nota:8

cf. **RmI, 21**: “No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece-nos, no Mistério pascal, em toda a sua subjetividade divina, como aquele que deve continuar, agora, a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz. Esta obra, sem dúvida, foi confiada aos homens: aos apóstolos e à Igreja. No entanto, nestes homens e por meio deles, o Espírito Santo permanece o sujeito protagonista transcendente da realização dessa obra, no espírito do homem e na história do mundo.

Verdadeiramente, o Espírito Santo é o protagonista de toda a missão eclesial: sua obra brilha esplendorosamente na missão ad gentes, como se vê na Igreja primitiva, pela conversão de Cornélio (cf. At 10), pelas decisões acerca dos problemas surgidos (cf. At 15) e pela escolha dos territórios e povos (cf. At 16,6s). O Espírito Santo age por meio dos apóstolos, mas, ao mesmo tempo, opera nos ouvintes: por sua ação a Boa-Nova ganha corpo nas consciências e nos corações humanos, expandindo-se na história. Em tudo isso, é o Espírito Santo que dá a vida”.

Nota:9

cf. **Rm 8,19-27**: “A própria criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus. Entregue ao poder do nada não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu, a criação abriga a esperança, pois ela também será liberta da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus.

Sabemos que a criação toda geme e sofre dores de parto até agora. E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. Na esperança, nós já fomos salvos. Ver o que se espera já não é esperar: como se pode esperar o que já se vê? Mas, se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos.

Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que sonda os corações sabe quais são os desejos do Espírito, pois o Espírito intercede pelos cristãos de acordo com a vontade de Deus”.

Nota:10

cf. **At 1,8**: “Mas o Espírito Santo descera sobre vocês, e dele receberão força para serem as minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os extremos da terra”.

cf. **At 5,32**: “E nós somos testemunhas dessas coisas, nós e o Espírito Santo, que Deus concedeu àqueles que lhe obedecem”.

Nota:11

cf. **At 4,32**: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava propriedade particular as coisas que possuía, mas tudo era posto em comum entre eles”.

Nota:12

cf. **At 2,42**: “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações”.

Nota:13

cf. **Rm 8,9**: “Uma vez que o Espírito de Deus habita em vocês, vocês já não estão sob o domínio dos instintos egoístas, mas sob o Espírito, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele”.

Nota:14

cf. **Rm 8,12**: “Portanto, irmãos, nós somos devedores, mas não dos instintos egoístas para vivermos de acordo com eles”.

Nota:15

cf. **Rm 8,26**: “Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis”.

Nota:16

cf. **2Pd 1,4**: “Por meio delas é que ele nos deu os bens extraordinários e preciosos que tinham sido prometidos, e com esses vocês se tornassem participantes da natureza divina, depois de escaparem da corrupção que o egoísmo provoca neste mundo”.

cf. **Ef 4,24**: “e se revistam do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade que vem da verdade”.

cf. **Cl 3,10**: “e se revestiram do homem novo que, através do conhecimento, vai se renovando à imagem do seu Criador”.

Nota:17

cf. **Gl 4,6**: “A prova de que vocês são filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai!”.

Nota:18

cf. **Jo 10,10**: “O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”.

Nota:19

Mt 7,21: “Nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor, entrará no Reino do Céu. Só entrará aquele que põe em prática a vontade do meu Pai, que está no céu”.

Nota:20

cf. **1Cor 12,11**: “Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer”.

Nota:21

cf. **1Cor 12,2**: “Vocês sabem que, quando eram pagãos, se sentiam irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos”.

cf. **LG 12b**: “O Espírito Santo distribui graças especiais aos fiéis das mais variadas condições, tornando-os aptos e dispostos a assumir os trabalhos e funções úteis à renovação e ao maior desenvolvimento da Igreja, de acordo com o que está escrito: Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito, para utilidade de todos (1Cor 12, 7). Todos esses carismas, dos mais extraordinários aos mais simples e mais difundidos devem ser acolhidos com ação de graças e satisfação, pois correspondem às necessidades da Igreja e lhe são úteis. Não se deve porém cobiçar temerariamente os dons extraordinários nem esperar deles, com presunção, frutos significativos nos trabalhos apostólicos. A apreciação sobre os dons e seu exercício ordenado no seio da Igreja pertence aos que a presidem, que têm especial mandato de não abafar o Espírito, mas tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5, 12.19-21)”.

Nota:22

cf. **1Cor 12,4ss**: “Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos”.

Nota:23

cf. **1Cor 14**: “Procuram o amor. Entretanto, aspirem aos dons do Espírito, principalmente à profecia. Pois aquele que fala em línguas não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o entende, pois ele, em espírito, diz coisas incompreensíveis. Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola. Aquele que fala em línguas edifica a si mesmo, ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia. Eu desejo que vocês todos falem em línguas, mas prefiro que profetizem. Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a menos que este mesmo as interprete, para que a assembleia seja edificada.

Suponham, irmãos, que eu vá encontrá-los falando em línguas: como serei útil, se minha palavra não levar para vocês nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensinamento? O mesmo acontece com os instrumentos musicais, como a flauta ou a cítara: se não produzirem sons distintos, como reconhecer quem toca a flauta ou quem toca a cítara? E se a trombeta produzir um som confuso, quem se preparará para a guerra? Assim também vocês: se a sua linguagem não se exprime em palavras inteligíveis, como se poderá compreender o que vocês dizem? Estarão falando ao vento. No mundo existem não sei quantas espécies de linguagem, e não existe nada sem linguagem. Ora, se eu não conheço a força da linguagem, serei como estrangeiro para aquele que fala, e aquele que fala será um estrangeiro para mim. Assim também vocês: já que aspiram aos dons do Espírito, procurem tê-los em abundância para edificarem a Igreja.

Por isso, aquele que fala em línguas deve rezar para que ele mesmo possa interpretá-las. Se rezo em línguas, o meu espírito está em oração, mas a minha inteligência não colhe fruto nenhum. O que fazer então? Rezarei com meu espírito, mas rezarei também com a minha inteligência; cantarei com o meu espírito, mas cantarei também com a minha inteligência. De fato, se é apenas com o seu espírito que você bendiz, como poderá o ouvinte não iniciado dizer Amém ao agradecimento que você faz, uma vez que ele não sabe o que você está dizendo? A ação de graças que você faz é sem dúvida valiosa, mas o outro não se edifica. Agradeço a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês. Numa assembleia, porém, prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também os outros, a dizer dez mil palavras em línguas.

Irmãos, não sejam como crianças no modo de julgar; sejam crianças quanto à malícia, mas quanto ao modo de julgar sejam adultos. Está escrito na Lei: Falarei a este povo por meio de homens de outra língua e por meio de lábios estrangeiros, e mesmo assim eles não me escutarão, diz o Senhor. Portanto, as línguas são um sinal, não para os que acreditam, mas para os que não acreditam. A profecia, ao contrário, não é para os incrédulos, mas para os que acreditam. Por exemplo: se a Igreja se reunir e todos falarem em línguas, será que os simples ouvintes e os incrédulos que entrarem não vão dizer que vocês estão loucos? Ao contrário, se todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar se sentirá persuadido de seu erro por todos, julgado por todos; e os segredos de seu coração serão desvendados; ele se prostrará com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de vocês.

Que fazer, então, irmãos? Quando vocês estão reunidos, cada um pode entoar um canto, dar um ensinamento ou revelação, falar em línguas ou interpretá-las. Mas que tudo seja para edificação! Se existe alguém que fale em línguas, fale dois ou no máximo três, um após o outro. E que alguém as interprete. Se não há intérprete, que o irmão se cale na assembleia; fale a si mesmo e a Deus. Quanto aos profetas, que dois ou três falem, e os outros profetas dêem o seu parecer. Se alguém que está sentado recebe uma revelação, cale-se aquele que está falando. Vocês todos podem profetizar, mas um por vez, para que todos sejam instruídos e encorajados. Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas. Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz.

Que as mulheres fiquem caladas nas assembleias, como se faz em todas as igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias. Por acaso, a palavra de Deus tem seu ponto de partida em vocês? Ou foram vocês os únicos que a receberam? Se alguém julga ser profeta ou inspirado pelo Espírito, reconheça um mandamento do Senhor nas coisas que estou escrevendo para vocês. Todavia, se alguém não reconhecer isso, é que também Deus não é reconhecido. Portanto, irmãos, aspirem ao dom da profecia e não impeçam que alguém fale em línguas. Mas, que tudo seja feito de modo conveniente e com ordem”.

Nota:24

cf. **Mc 12, 28-31**: “Um doutor da Lei estava aí, e ouviu a discussão. Vendo que Jesus tinha respondido bem, aproximou-se dele e perguntou: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? Jesus respondeu: O primeiro mandamento é este: Ouça, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor! E ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com toda a sua força. O segundo mandamento é este: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Não existe outro mandamento mais importante do que esses dois”.

1Cor 13: “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente.

Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada.

Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada disso me adiantaria.

O amor é paciente, o amor é prestativo;

não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho.

Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor.

Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.

Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais passará. As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, a ciência também desaparecerá.

Pois o nosso conhecimento é limitado; limitada é também a nossa profecia.

Mas, quando vier a perfeição, desaparecerá o que é limitado.

Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, deixei o que era próprio de criança.

Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido.

Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. A maior delas, porém, é o amor".

Nota:25

cf. **1Cor 12,31-13,13**: "Aspirem aos dons mais altos. Aliás, vou indicar para vocês um caminho que ultrapassa a todos.

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada disso me adiantaria. O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais passará. As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, a ciência também desaparecerá. Pois o nosso conhecimento é limitado; limitada é também a nossa profecia. Mas, quando vier a perfeição, desaparecerá o que é limitado. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, deixei o que era próprio de criança. Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido. Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. A maior delas, porém, é o amor".

cf. **LG, 42**: "Deus é amor. Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele (1Jo 4, 16). Deus derrama seu amor em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos é dado (cf. Rm 5, 5). O dom primordial, pois, e absolutamente necessário é o amor com que amamos Deus sobre todas as coisas e o próximo por causa dele. Mas para que a caridade cresça e frutifique na alma, como boa semente, cada um deve estar pronto a ouvir a palavra de Deus, cumprir a sua vontade, com o auxílio da graça, participar freqüentemente dos sacramentos e do culto, especialmente da eucaristia, entregar-se constantemente à oração, à abnegação de si mesmo, ao serviço fraterno e ao exercício da virtude. O amor é o vínculo da perfeição e a plenitude da lei (Cl 3, 14; Rm 13, 10). Orienta, dá forma e acabamento a todos os outros meios de santificação. Por isso o amor para com Deus e para com o próximo é o sinal do verdadeiro discípulo de Cristo.

Jesus, o Filho de Deus, manifestou seu amor dando sua vida por nós. Não há maior amor do que dar a vida por ele e por seus irmãos (cf. 1Jo 3, 16; Jo 15, 13). Desde os primeiros tempos até os dias de hoje, alguns cristãos foram chamados a dar esse testemunho supremo diante de todos, especialmente dos perseguidores. É o martírio, considerado pela Igreja dom supremo e prova máxima de amor, pois, ao aceitar livremente a morte pela salvação do mundo, o discípulo se assemelha ao mestre, igualando-o no derramamento do próprio sangue. Poucos recebem esse dom, mas todos devem estar preparados para confessar a Cristo diante dos homens e segui-lo no caminho da cruz, em meio às perseguições que nunca faltam à Igreja.

A santidade da Igreja se sustenta ainda de modo especial pela observância dos muitos conselhos que o Senhor propôs aos seus discípulos no Evangelho. Em primeiro lugar, o precioso dom da graça divina feito pelo Pai (cf. Mt 19, 11; 1Cor 7, 7) àqueles que na virgindade e no celibato oferecem unicamente a Deus seu coração indiviso (cf. 1Cor 7, 32-34) e a ele se consagram totalmente. A Igreja sempre teve em grande conta esta prática da continência perfeita por causa do reino dos céus, considerando-a sinal e estímulo do amor, fonte espiritual particularmente fecunda para o mundo.

A Igreja medita na admoestação do apóstolo. Estimulando os fiéis ao amor, ele os exorta a terem os mesmos sentimentos do Cristo Jesus, que se esvaziou a si mesmo, assumiu a condição de servo e se tornou obediente até a morte (Fl 2, 7-8) fazendo-se pobre por nossa causa, apesar de rico (2Cor 8, 9). É indispensável que a Igreja como mãe dê em todo tempo o testemunho e o exemplo deste amor e desta humildade. Por isso, se alegra de contar em seu seio com homens e mulheres que seguem de perto o Senhor e claramente proclamam o aniquilamento do salvador, abraçando a pobreza com a liberdade dos filhos de Deus e renunciando às suas próprias vontades. Submetem-se a outros, por causa de Deus, ultrapassando, na perfeição, a medida do preceito, para se tornarem mais próximos da obediência praticada por Cristo.

Todos os fiéis são chamados e obrigados a buscar a perfeição do próprio estado de vida. Cuidem pois, de manter o coração no caminho reto, para que o uso das coisas terrestres e o apego às riquezas não seja obstáculo ao espírito evangélico de pobreza, nem à busca da perfeição do amor, conforme a admoestação do apóstolo: Os que usam deste mundo passageiro, a ele não se apeguem (cf. 1Cor 7, 31)".

cf. **AA, 3**: "O dever e o direito dos leigos ao apostolado decorre de sua união com Cristo cabeça. Inseridos no corpo místico de Cristo pelo batismo e, pela confirmação, corroborados com a força do Espírito, foram destinados ao apostolado pelo próprio Senhor. Consagrados como participantes do sacerdócio régio e do povo santo (cf. 1Pd 2, 4-10) para oferecer, por todo seu agir, hóstias espirituais e dar testemunho de Cristo em toda parte. Pelos sacramentos, especialmente pela eucaristia, comungam e são alimentados pelo amor, que é a alma de todo o apostolado.

O apostolado é fruto da fé, da esperança e da caridade que o Espírito Santo derrama no coração de todos os membros da Igreja. Além disso, o preceito da caridade, principal mandamento do Senhor, obriga a todos os fiéis a procurarem a glória de Deus, por intermédio do advento de seu reino, e a vida eterna, para que todos os seres humanos conheçam a Deus, único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, seu enviado (cf. Jo 17, 3).

A todos os fiéis se impõe o ónus insigne de trabalhar para que o anúncio da salvação divina seja conhecido e acolhido por todos os seres humanos, em toda a terra.

O mesmo Espírito Santo, que santifica o povo de Deus pelo ministério e pelos sacramentos, concede também aos fiéis dons peculiares (cf. 1Cor 12, 7) para o exercício do apostolado, distribuindo-os a seu bel-prazer (cf. 1Cor 12, 11). Assim, cada um, na medida da graça recebida, é chamado a colocar esses dons a serviço dos outros, tornando-se todos, bons dispensadores da graça multiforme de Deus (1Pd 4, 10), para a edificação de todo o corpo, no amor (cf. Ef 4, 16). Destes carismas, por mais simples que sejam, provém o direito e o dever de cada fiel de exercê-los, no mundo e na Igreja, em benefício dos seres humanos e da própria Igreja. Este exercício deve ser feito na liberdade do Espírito Santo, que sopra onde quer (cf. Jo 3, 8), mas, ao mesmo tempo, em comunhão com os irmãos em Cristo e, especialmente, com seus pastores, a quem pertence julgar da autenticidade dos carismas e de seu conveniente exercício, não para abafar o Espírito, mas para tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5, 12.19.21)".

Nota:26

cf. **CNBB**, Doc. 45, 301-302: "301. Os novos sujeitos históricos, sejam sociais, religiosos ou eclesiais, manifestam-se e apresentam-se ora como o novo diante do estabelecido, ora como o divergente diante do definido, ora como o dissidente diante do oficial. Caracteriza-os, inicialmente, a tendência ao questionamento, à denúncia, à contestação e à reivindicação. Mas progridem para a proposta de novas relações e de novas estruturas, em que haja maior participação e maior autonomia, em vista à construção de uma nova sociedade e de uma Igreja rejuvenescida, numa nova humanidade. Muitas pessoas e grupos reencontram o sentido da vida, até mesmo o caminho do transcendente, de Deus e da Igreja, através dessa luta por novas causas. Assim, vão surgindo muitos dos novos mártires de nossa época. Seus questionamentos contêm muitos desafios, que podem tornar-se fatores de renovação da Igreja e da sociedade.

302. Os novos sujeitos eclesiais vão construindo seu próprio processo de formação, com novos métodos e novas expressões. No caso dos novos sujeitos populares, predomina a formação na ação, através da conhecida seqüência ver, julgar e agir, com o auxílio de assessores sociais e teológicos. Suas fontes de inspiração são a Bíblia, lida à luz das novas situações de nosso tempo, e a liturgia, em que se unem com rica simbologia, as lutas do Povo de Deus com o sacrifício de Cristo. Por sua vez, os movimentos apostólicos ou de espiritualidade possuem seus próprios métodos de formação".

Nota:27

cf. **CD**, 11: "Diocese é a porção do povo de Deus confiada aos pastores pelo bispo com a cooperação dos sacerdotes. Congregada no Espírito Santo pelo seu pastor, através do Evangelho e da eucaristia, une-se a ele, constituindo uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo, uma, santa, católica e apostólica.

O bispo a que foi confiada uma Igreja particular é seu pastor próprio, ordinário e imediato. Apascenta suas ovelhas em nome de Cristo, sob a autoridade do sumo pontífice, no exercício de suas funções de ensinar, santificar e governar. Deve entretanto reconhecer os direitos legítimos dos patriarcas ou outras autoridades.

Que os bispos saibam que dar o testemunho de Cristo diante de todos os homens faz parte de sua função apostólica. Cuidem não somente dos que já seguem o príncipe dos pastores, mas se dediquem também de coração àqueles que se afastaram de algum modo da verdade ou do Evangelho de Cristo e ignoram a salvação misericordiosa, a fim de que todos caminhem na bondade, na justiça e na verdade (Ef 5, 9)".

Nota:28

cf. **CNBB**, Doc. 45, 196: "Mas o que propriamente constitui a Igreja e a torna presente em determinado tempo e lugar? Conforme o próprio Concílio Vaticano II, a comunidade eclesial é edificada pelo Espírito Santo, mediante o anúncio da Palavra (Evangelho), a celebração da Eucaristia e dos outros sacramentos, a vida de comunhão do povo de Deus com seus carismas e ministérios, entre os quais sobressai o ministério episcopal-presbiteral, que tem a responsabilidade de garantir a autenticidade dos laços que unem a comunidade de hoje com a Igreja apostólica e com o projeto missionário, evangelizador, que lhe foi confiada até o fim dos tempos".

Nota:29

cf. **CFL**: O Papa João Paulo II, na sua Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (n. 30): "É sempre na perspectiva da comunhão e da missão da Igreja e não, portanto, em contraste com a liberdade associativa, que se compreende a necessidade de claros e precisos critérios de discernimento e de reconhecimento das agregações laicais, também chamados critérios de eclesialidade.

Como critérios fundamentais para o discernimento de toda e qualquer agregação dos fiéis leigos na Igreja, podem considerar-se de forma unitária os seguintes:

O primado dado à vocação de cada cristão à santidade, manifestado nos frutos da graça que o Espírito produz nos fiéis como crescimento para a plenitude da vida cristã e para a perfeição da caridade.

Nesse sentido, toda e qualquer agregação de fiéis leigos é chamada a ser sempre e cada vez mais instrumento de santidade na Igreja, favorecendo e encorajando uma unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a própria fé.

A responsabilidade em professar a fé católica, acolhendo e proclamando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem, em obediência ao Magistério da Igreja, que autenticamente a interpreta. Por isso, toda agregação de fiéis leigos deve ser lugar de anúncio e de proposta da fé e de educação na mesma, no respeito pelo seu conteúdo integral.

O testemunho de uma comunhão sólida e convicta, em relação filial com o Papa, centro perpétuo e visível da unidade da Igreja universal, e com o bispo, princípio visível e fundamento da unidade da Igreja particular, e na estima recíproca entre todas as formas de apostolado na Igreja.

A comunhão com o Papa e com o bispo é chamada a exprimir-se na disponibilidade leal em aceitar os seus ensinamentos doutrinais e orientações pastorais. A comunhão eclesial exige, além disso, que se reconheça a legítima pluralidade das formas agregativas dos fiéis leigos na Igreja e, simultaneamente, a disponibilidade para a sua recíproca colaboração.

A conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja, que é a evangelização e a santificação dos homens e a formação cristã das suas consciências, de modo a conseguir permear de espírito evangélico as várias comunidades e os vários ambientes.

Nesta linha, exige-se de todas as formas agregativas de fiéis leigos, e de cada uma delas, um entusiasmo missionário que as torne, sempre e cada vez mais, sujeitos de uma nova evangelização.

O empenho de uma presença na sociedade humana que, à luz da doutrina social da Igreja, se coloque a serviço da dignidade integral do homem.

Assim, as agregações dos fiéis leigos devem converter-se em correntes vivas de participação e de solidariedade para construir condições mais justas e fraternas no seio da sociedade.

Os critérios fundamentais acima expostos encontram a sua verificação nos frutos concretos que acompanham a vida e as obras das diversas formas associativas, tais como: o gosto renovado pela oração, a contemplação, a vida litúrgica e sacramental; a animação pelo florescimento de vocações ao matrimônio cristão, ao sacerdócio ministerial, à vida consagrada; a disponibilidade em participar dos programas e das atividades da Igreja, tanto em nível local como nacional ou internacional; o empenho catequético e a capacidade pedagógica de formar os cristãos; o impulso em ordem a uma presença cristã nos vários ambientes da vida social e a criação e animação de obras caritativas, culturais e espirituais; o espírito de desapego e de pobreza evangélica em ordem a uma caridade mais generosa para com todos; as conversões à vida cristã ou o regresso à comunhão por parte de batizados afastados”.

Nota:30

cf. **AA, 19**: “Há uma grande variedade de associações apostólicas: umas têm por objetivo o apostolado geral da Igreja, outras, finalidades específicas, como a evangelização ou a santificação, outras, a animação cristã da ordem temporal, outras, enfim, dão testemunho de Cristo por meio das obras de misericórdia e de caridade.

O que há de mais importante nessas associações é que favorecem e estimulam, em seus membros, a unidade entre fé e vida. As associações não existem em função de si mesmas. Devem visar ao cumprimento da missão da Igreja no mundo. Seu valor apostólico depende de sua subordinação aos fins da Igreja e do testemunho cristão evangélico de seus membros e da própria associação como um todo.

Dado o progresso das instituições humanas e o desenvolvimento da sociedade como um todo, a missão universal da Igreja requer hoje que as iniciativas apostólicas dos católicos se orientem sempre numa perspectiva internacional. Por sua vez, as organizações internacionais católicas alcançarão melhor seus objetivos na medida em que for mais estreita a união entre seus membros.

Respeitadas as relações com a autoridade eclesiástica, os leigos têm o direito de fundar, dar o nome e governar suas próprias associações. Evite-se, porém, a dispersão de forças, inevitável quando se fundam associações sem necessidade ou se mantêm artificialmente vivas associações obsoletas. Também nem sempre convém transplantar para outras nações formas associativas de um determinado país”.

Nota:31

cf. **AA, 23**: “O apostolado dos leigos, tanto individual quanto associativo, deve se inserir no apostolado de toda a Igreja. A comunhão com aqueles que o Espírito Santo colocou como dirigentes da Igreja de Deus (cf. At 20, 28) é mesmo um elemento essencial do apostolado cristão. Além disso, é indispensável que as diversas iniciativas apostólicas cooperem entre si, sob o ordenamento ditado pela hierarquia.

Para promover o Espírito de unidade, para que a caridade fraterna brilhe em toda atividade da Igreja, para que se obtenham os fins comuns por todos visados e se evite toda competição perniciosa, é necessário que vigore entre as diversas formas de apostolado, verdadeira estima recíproca e a devida articulação, guardando cada uma suas próprias índole e características.

É especialmente importante que toda ação da Igreja se faça em harmonia e com a cooperação do clero, dos religiosos e dos leigos”.

Nota:32

cf. **AA, 20**: “Há algumas dezenas de anos, em diversos países, os leigos buscando empenhar-se mais profundamente no apostolado, reuniram-se em diversas formas de ações e de associações, em estreita união com a hierarquia, para alcançar maiores benefícios apostólicos.

Dentre tais associações, algumas delas bem antigas, que produziram preciosos frutos apostólicos e foram diversas vezes aprovadas pelos papas e por inúmeros bispos, convém lembrar a ação católica, entendida habitualmente como a cooperação dos leigos no apostolado hierárquico.

Tenham ou não o nome de ação católica, essas associações são indispensáveis ao nosso tempo e devem ser constituídas com as seguintes características:

a) O fim imediato destas associações é a finalidade mesma da Igreja, isto é, evangelizar e santificar os seres humanos, formar-lhes a consciência de maneira a poderem comunicar o espírito do Evangelho às várias comunidades e ao meio em que vivem.

b) Cooperar com a hierarquia significa, para os leigos, contar com sua experiência própria, assumir responsabilidades de direção, discutir as condições e as formas concretas de exercer a ação pastoral da Igreja, elaborar planos de ação e executá-los.

c) Os leigos devem agir unidos num só corpo, de modo a manifestar a Igreja como comunidade e contribuir para a eficácia do apostolado.

d) Tendo se oferecido espontaneamente para colaborar com a hierarquia ou tendo sido convidados, os leigos estão sempre sujeitos às orientações da hierarquia, que lhes pode conferir um mandato expresso.

As organizações que têm todas essas características, de acordo com o parecer da hierarquia, são ação católica, mesmo que assumam outras figuras e nomes, de acordo com as condições locais em que trabalham.

O Concílio recomenda vivamente estas associações. Elas respondem a grandes necessidades da Igreja, em inúmeras regiões. Convida os padres e os leigos que nelas trabalham a se esforçarem por efetivar as diversas características acima enumeradas e a colaborar com as muitas outras formas de apostolado existentes na Igreja”.

Nota:33

cf. **CNBB**, Doc. 45, 295-296: “295. a) A *articulação de pessoas* é normalmente realizada mediante reuniões e encontros. Através deles, além da comunicação de experiências e da troca de conhecimentos, desenvolve-se a solidariedade, a fraternidade e a compreensão mútua. Para que não se multipliquem além da necessidade, dever-se-á cultivar o senso da representação, habituando-se a agir com representantes das bases junto às instâncias superiores e como multiplicadores junto às bases, das decisões comuns. O êxito das reuniões e

encontros depende da capacidade e até mesmo da virtude de aceitar e acolher as diferenças das pessoas e das opiniões.

296. b) *A articulação das atividades*, significando a adequada distribuição de tarefas entre agentes e organismos, com suas respectivas atribuições, é normalmente realizada através do processo de planejamento pastoral. A ação pastoral planejada é a resposta específica, consciente e intencional às exigências da evangelização. Deverá realizar-se num processo de participação em todos os níveis da comunidade e pessoas interessadas, educando-as numa metodologia de análise da realidade, para depois refletir sobre essa realidade do ponto de vista do Evangelho e optar pelos objetivos e meios mais aptos e fazer deles um uso mais racional na ação evangelizadora”.

Nota:34

cf. **Jo 5,39**: “Vocês vivem estudando as Escrituras, pensando que vão encontrar nelas a vida eterna. No entanto, as Escrituras dão testemunho de mim”.

Nota:35

cf. **Lc 24,13-35**: “Nesse mesmo dia, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou, e começou a caminhar com eles. Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. Então Jesus perguntou: O que é que vocês andam conversando pelo caminho? Eles pararam, com o rosto triste. Um deles, chamado Cléofas, disse: Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias? Jesus perguntou: O que foi? Os discípulos responderam: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo, e não encontraram o corpo de Jesus. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo, e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus.

Então Jesus disse a eles: Como vocês custam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória? Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele.

Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando. Então Jesus entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles.

Então um disse ao outro: Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras? Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão! Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão”.

Nota:36

DV, 21: “A Igreja sempre honrou as Escrituras como corpo do Senhor, especialmente na santa liturgia, em cuja mesa não deve faltar nem a palavra de Deus, nem o corpo do Senhor, para serem dados aos fiéis.

A Igreja sempre considerou e considera as Escrituras, juntamente com a sagrada Tradição, sua suprema regra de fé. Inspiradas por Deus e definitivamente escritas, nos comunicam de maneira imutável a palavra do próprio Deus e nos fazem ouvir a voz do Espírito Santo, através dos escritos proféticos e apostólicos.

Toda a pregação eclesial, como a própria religião cristã, deve-se alimentar e ser orientada pela Escritura. Nos livros sagrados, o Pai que está no céu vem amorosamente falar a seus filhos. É tão grande a força e a virtude da palavra de Deus que ela sustenta e dá vigor à Igreja, corrobora a fé de seus filhos, alimenta a alma, jorra como fonte pura e perene da vida espiritual.

Aplica-se à Escritura o que se lê: A palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4, 12) tem o poder de edificar e de dar a vocês a herança entre todos os santificados (At 20, 32; cf. 1Ts 2, 13)”.

Nota:37

cf. **Pontifícia Comissão Bíblica**, *Interpretação da Bíblia na Igreja*, 127.

Nota:38

cf. **Pontifícia Comissão Bíblica**, *Interpretação da Bíblia na Igreja*, 142.

Nota:39

ChL, 60: “Dentro desta síntese de vida situam-se os múltiplos e coordenados aspectos da formação integral dos fiéis leigos.

Não há dúvida de que a formação espiritual deve ocupar um lugar privilegiado na vida de cada um, chamado a crescer incessantemente na intimidade com Jesus Cristo, na conformidade com a vontade do Pai, na dedicação aos irmãos, na caridade e na justiça. Escreve o Concílio: Esta vida de íntima união com Cristo alimenta-se na Igreja com as ajudas espirituais que são comuns a todos os fiéis, sobretudo a participação ativa na sagrada liturgia, e os leigos devem socorrer-se dessas ajudas, de modo que, ao cumprir com retidão os próprios deveres do mundo, nas condições normais da vida, não separem da própria vida a união com Cristo, mas, desempenhando a própria atividade segundo a vontade de Deus, cresçam nela.

A formação doutrinal dos fiéis leigos mostra-se hoje cada vez mais urgente, não só pelo natural dinamismo de aprofundar a sua fé, mas também pela exigência de racionalizar a esperança que está dentro deles, perante o mundo e os seus problemas graves e complexos. Tornam-se, desse modo, absolutamente necessárias uma sistemática ação de catequese, a dar-se gradualmente, conforme a idade e as várias situações da vida, e uma mais decidida promoção cristã da cultura, como resposta às eternas interrogações que atormentam o homem e a sociedade de hoje.

Em particular, sobretudo para os fiéis leigos, de várias formas empenhados no campo social e político, é absolutamente indispensável uma consciência mais exata da doutrina social da Igreja, como repetidamente os padres sinodais recomendaram nas suas intervenções. Falando da participação política dos fiéis leigos, assim se

exprimiram: Para que os leigos possam realizar ativamente este nobre propósito na política (isto é, o propósito de fazer reconhecer e estimar os valores humanos e cristãos), não são suficientes as exortações, é preciso dar-lhes a devida formação da consciência social, sobretudo acerca da doutrina social da Igreja, a qual contém os princípios de reflexão, os critérios de julgar e as diretivas práticas (cf. Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução sobre liberdade cristã e libertação, 72). Tal doutrina já deve figurar na instrução catequética geral, nos encontros especializados e nas escolas e universidades. A doutrina social da Igreja é, todavia, dinâmica, isto é, adaptada às circunstâncias dos tempos e lugares. É direito e dever dos pastores propor os princípios morais, também sobre a ordem social, e é dever de todos os cristãos dedicarem-se à defesa dos direitos humanos; a participação ativa nos partidos políticos é, todavia, reservada aos leigos.

E, finalmente, no contexto da formação integral e unitária dos fiéis leigos, é particularmente significativo, para a sua ação missionária e apostólica, o crescimento pessoal no campo dos valores humanos. Precisamente neste sentido, o Concílio escreveu: (os leigos) tenham também em grande conta a competência profissional, o sentido da família, o sentido cívico e as virtudes próprias da convivência social, como a honradez, o espírito de justiça, a sinceridade, a amabilidade, a fortaleza de ânimo, sem as quais nem sequer se pode dar uma vida cristã autêntica.

Ao amadurecer a síntese orgânica da sua vida, que, simultaneamente, é expressão da unidade do seu ser e condição para o cumprimento eficaz da sua missão, os fiéis leigos serão interiormente conduzidos e animados pelo Espírito Santo, que é Espírito de unidade e de plenitude de vida”.

Nota:40

João Paulo II, *Diretrizes aos Bispos do Brasil*, Loyola, 1991, p. 44.

Nota:41

cf. **CNBB**, Doc. 45, 92: “A dimensão litúrgica exprime, pois, o caráter celebrativo da Igreja. Constitui, na terra, a expressão mais significativa da comunhão eclesial. Na liturgia, o Povo de Deus encontra seu momento maior de festa e de comunhão eclesial”.

Nota:42

cf. **CNBB**, Doc. 45, 86: “Pela vivência do Mistério de Cristo na vida cotidiana, o povo de Deus aprofunda constantemente o sentido da fé. Por ele, adere inde fectivelmente à fé e, com reto juízo, penetra-a mais profundamente e, mais plenamente, a aplica na vida”.

Nota:43

cf. **RMI**, 44: “O anúncio tem a prioridade permanente na missão: a Igreja não pode esquivar-se ao mandato explícito de Cristo, não pode privar os homens da Boa-Nova de que Deus os ama e salva. A evangelização conterà sempre como base, centro e, ao mesmo tempo, vértice do seu dinamismo uma proclamação clara de que, em Jesus Cristo (...) a salvação é oferecida a cada homem, como dom de graça e de misericórdia do próprio Deus. Todas as formas de atividade missionária tendem para esta proclamação que revela e introduz no mistério, desde sempre escondido e agora revelado em Cristo (cf. Ef 3,3-9; Cl 1,25-29), o qual se encontra no âmago da missão e da vida da Igreja, como ponto fulcral de toda a evangelização.

Na realidade complexa da missão, o primeiro anúncio tem um papel central e insubstituível, porque introduz no mistério do amor de Deus, que, em Cristo, nos chama a uma estreita relação pessoal com ele e predispõe a vida para a conversão. A fé nasce do anúncio, e cada comunidade eclesial consolida-se e vive da resposta pessoal de cada fiel a esse anúncio. Como a economia salvífica está centrada em Cristo, assim a atividade missionária tende para a proclamação de seu mistério.

O anúncio tem por objeto Cristo crucificado, morto e ressuscitado: por meio dele realiza-se a plena e autêntica libertação do mal, do pecado e da morte; nele Deus dá a vida nova, divina e eterna. É esta a Boa Nova, que muda o homem e a história da humanidade, e que todos os povos têm o direito de conhecer. Um tal anúncio tem de se inserir no contexto vital do homem e dos povos que o recebem. Além disso, ele deve ser feito numa atitude de amor e de estima a quem o escuta, com uma linguagem concreta e adaptada às circunstâncias. Para isso concorre o Espírito, que instaura uma união entre o missionário e os ouvintes, tornada possível enquanto um e os outros, por Cristo, entram em comunhão com o Pai”.

Nota:44

cf. **CNBB**, Doc. 45, 175: “A experiência religioso-cristã não se realiza em mera experiência subjetiva, mas no encontro com a Palavra de Deus confiada ao Magistério e à Tradição da Igreja, nos sacramentos e na comunhão eclesial”.

Nota:45

cf. **AG 2**: “A Igreja peregrina é por natureza missionária. Nasce, segundo o desígnio divino, da própria missão do Filho e do Espírito Santo.

Tal desígnio flui do “amor original” ou da caridade do Pai, Princípio imprincipiado, de que o Filho é gerado e de que procede o Espírito Santo, por intermédio do Filho. Por sua infinita misericórdia e ternura, a bondade divina nos cria livremente e nos chama graciosamente a participar de sua vida e de sua glória, difundindo a bondade com liberalidade sem fim, de tal sorte que o criador de todas as coisas venha a ser, ao cabo e ao fim, “*tudo em todos*” (1Cor 15, 28), para sua glória e nossa felicidade. Deus não chama os seres humanos individualmente, independentemente das relações de uns com os outros, pois visa a constituir um só povo, em que estejam reunidos todos os seus filhos”.

Nota:46

cf. **Lc 14, 25-35**: “Grandes multidões acompanhavam Jesus. Voltando-se, ele disse: Se alguém vem a mim, e não dá preferência mais a mim que ao seu pai, à sua mãe, à mulher, aos filhos, aos irmãos, às irmãs, e até mesmo à sua própria vida, esse não pode ser meu discípulo. Quem não carrega sua cruz e não caminha atrás de mim, não pode ser meu discípulo. De fato, se alguém de vocês quer construir uma torre, será que não vai primeiro sentar-se e calcular os gastos, para ver se tem o suficiente para terminar? Caso contrário, lançará o alicerce e não será capaz de acabar. E todos os que virem isso, começarão a caçoar, dizendo: Esse homem começou a construir e não foi capaz de acabar! Ou ainda: Se um rei pretende sair para guerrear contra outro, que não vai sentar-se primeiro e examinar bem, se com dez mil homens poderá enfrentar o outro que marcha contra ele com vinte mil? Se ele vê que não pode, envia mensageiros para negociar as condições de paz, enquanto o outro rei ainda está longe. Do mesmo modo, portanto, qualquer de vocês, se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo.

O sal é bom. Mas se até o sal perde o sabor, com que o salgaremos? Não serve mais para nada: nem para a terra, nem para esterco. Por isso, é jogado fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

Nota:47

cf. **RMI, 4 e 2:** “4. A tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, particularmente, do nosso como lembrei em minha primeira encíclica programática é a de dirigir o olhar do homem e orientar a consciência e experiência da humanidade inteira para o mistério de Cristo. A missão universal da Igreja nasce da fé em Jesus Cristo, como se declara no Credo: Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos (...) E por nós homens, e para nossa salvação, desceu dos céus. E se encarnou, pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. No acontecimento da Redenção está a salvação de todos, porque todos e cada um foram compreendidos no mistério da Redenção, e a todos e cada um se uniu Cristo para sempre, através deste mistério: somente na fé, se fundamenta e se compreende a missão.

No entanto, devido às mudanças dos tempos modernos e à difusão de novas idéias teológicas, alguns interrogam-se: ainda é atual a missão entre os não-cristãos? Não estará, por acaso, substituída pelo diálogo inter-religioso? Não se deverá restringir ao empenho pela promoção humana? O respeito pela consciência e pela liberdade não exclui qualquer proposta de conversão? Não é possível salvar-se, em qualquer religião? Para quê, pois, a missão?

2. Já são muitos os frutos missionários do Concílio: multiplicaram-se as Igrejas locais, dotadas do seu bispo, clero e agentes apostólicos próprios; verifica-se uma inserção mais profunda das Comunidades cristãs na vida dos povos; a comunhão entre as Igrejas contribui para um vivo intercâmbio de bens e dons espirituais; o empenho dos leigos no serviço da evangelização está mudando a vida eclesial; as Igrejas particulares abrem-se ao encontro, ao diálogo e à colaboração com os membros de outras Igrejas cristãs e outras religiões. Sobretudo está se afirmando uma nova consciência, isto é, a de que a missão compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais.

No entanto, nesta nova primavera do cristianismo, não podemos ocultar uma tendência negativa, que, aliás, este documento quer ajudar a superar: a missão específica ad gentes parece estar numa fase de afrouxamento, contra todas as indicações do Concílio e do Magistério posterior. Dificuldades internas e externas enfraqueceram o dinamismo missionário da Igreja ao serviço dos não-cristãos: isto é um fato que deve preocupar todos os que crêem em Cristo. Na História da Igreja, com efeito, o impulso missionário sempre foi um sinal de vitalidade, assim como a sua diminuição constitui um sinal de crise de fé.

À distância de 25 anos da conclusão do Concílio e da publicação do Decreto sobre a atividade missionária Ad gentes, a 15 anos da Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi, de Paulo VI, de veneranda memória, desejo convidar a Igreja a um renovado empenho missionário, dando, neste assunto, continuação ao Magistério dos meus predecessores. O presente documento tem uma finalidade interna: a renovação da fé e da vida cristã. De fato, a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio, no empenho pela missão universal.

Mas o que me anima mais a proclamar a urgência da evangelização missionária é que ela constitui o primeiro serviço que a Igreja pode prestar ao homem e à humanidade inteira, no mundo de hoje, que, apesar de conhecer realizações maravilhosas, parece ter perdido o sentido último das coisas e da sua própria existência. Cristo Redentor como deixei escrito na primeira encíclica revela plenamente o homem a si próprio. O homem que quiser compreender-se profundamente (...) deve aproximar-se de Cristo (...) A Redenção, operada na cruz, restituiu, definitivamente, ao homem a dignidade e o sentido de sua existência no mundo.

Não faltam, certamente, outros motivos e finalidades: corresponder a inúmeros pedidos de um documento deste gênero; dissipar dúvidas e ambigüidades sobre a missão ad gentes, confirmando, em seu compromisso, os beneméritos homens e mulheres que se dedicam à atividade missionária e todos os que ajudam; promover as vocações missionárias; estimular os teólogos a aprofundar e expor, sistematicamente, os vários aspectos da missão; relançar a missão, em sentido específico, comprometendo as Igrejas particulares, especialmente as de recente formação, a mandarem e a receberem missionários; garantir aos não-cristãos, e particularmente às autoridades dos países aos quais se dirige a atividade missionária, que esta só tem uma finalidade, ou seja, servir o homem, revelando-lhe o amor de Deus manifestado em Cristo Jesus”.

Nota:48

cf. **LG, 5:** “O mistério da santa Igreja se manifesta, pois desde sua própria fundação. O Senhor Jesus deu início a sua Igreja pregando a boa nova, isto é, a vinda do reino de Deus, prometido há séculos pelas Escrituras. Os tempos se cumpriram, o reino de Deus está iminente (Mc 1, 15; cf. Mt 4, 17).

Esse reino se torna visível aos olhos humanos por intermédio da palavra, dos atos e da presença de Cristo.

A palavra do Senhor se compara à semente lançada ao campo (Mc 4, 14). Os que a ouvem com fé e aderem ao pequeno rebanho de Cristo (Lc 12, 32), recebem o reino. Daí por diante a semente germina e cresce, até o momento da colheita (cf. Mc 4, 26-29).

Os milagres de Cristo também comprovam que o reino de Deus chegou à terra: Se pela mão de Deus expulso os demônios, é que o reino de Deus chegou até vocês (Lc 11, 20); cf. Mt 12, 28).

Mas, acima de tudo, o reino se manifesta na própria pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do Homem, que veio para servir e dar sua vida para a redenção de muitos (Mc 10, 45).

Depois de morrer na cruz, por todos os seres humanos, Jesus ressuscitou, aparecendo como Senhor, Cristo e sacerdote para sempre (cf. At 2, 36; Hb 5, 6; 7, 17-21). Derramou então nos seus discípulos o Espírito prometido pelo Pai (cf. At 2, 33).

A Igreja foi assim enriquecida pelos dons do seu fundador. Procurando observar fielmente seus preceitos de caridade, humildade e abnegação, recebe a missão de anunciar e de promover o reino de Cristo e de Deus junto a todos os povos. Constitui pois, a Igreja, o germe e o início do reino na terra. Enquanto vai crescendo, aspira de todo coração pela consumação do reino e deseja, com todas as suas forças, unir-se a seu rei na glória”.

Nota:49

cf. **1Cor 12,31:** “Aspirem aos dons mais altos. Aliás, vou indicar para vocês um caminho que ultrapassa a todos”.

Nota:50

cf. **DSD 161**: “A falta de coerência entre a fé que se professa e a vida cotidiana é uma das várias causas que geram pobreza em nossos países, porque os cristãos não souberam encontrar na fé a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis pela liderança ideológica e pela organização da convivência social, econômica e política de nossos povos. Em povos de arraigada fé cristã impuseram-se estruturas geradoras de injustiça”.

Nota:51

cf. **Comissão Episcopal de Doutrina**, Comunicado Mensal, Dez. de 1993, 2217.

Nota:52

1Cor 12,31-13,13: “Aspirem aos dons mais altos. Aliás, vou indicar para vocês um caminho que ultrapassa a todos.

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada disso me adiantaria. O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais passará. As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, a ciência também desaparecerá. Pois o nosso conhecimento é limitado; limitada é também a nossa profecia. Mas, quando vier a perfeição, desaparecerá o que é limitado. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei adulto, deixei o que era próprio de criança. Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido. Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. A maior delas, porém, é o amor”.

Nota:53

cf. **LG, 42**: “Deus é amor. Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele (1Jo 4, 16). Deus derrama seu amor em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos é dado (cf. Rm 5, 5). O dom primordial, pois, e absolutamente necessário é o amor com que amamos Deus sobre todas as coisas e o próximo por causa dele. Mas para que a caridade cresça e frutifique na alma, como boa semente, cada um deve estar pronto a ouvir a palavra de Deus, cumprir a sua vontade, com o auxílio da graça, participar freqüentemente dos sacramentos e do culto, especialmente da eucaristia, entregar-se constantemente à oração, à abnegação de si mesmo, ao serviço fraterno e ao exercício da virtude. O amor é o vínculo da perfeição e a plenitude da lei (Cl 3, 14; Rm 13, 10). Orienta, dá forma e acabamento a todos os outros meios de santificação. Por isso o amor para com Deus e para com o próximo é o sinal do verdadeiro discípulo de Cristo.

Jesus, o Filho de Deus, manifestou seu amor dando sua vida por nós. Não há maior amor do que dar a vida por ele e por seus irmãos (cf. 1Jo 3, 16; Jo 15, 13). Desde os primeiros tempos até os dias de hoje, alguns cristãos foram chamados a dar esse testemunho supremo diante de todos, especialmente dos perseguidores. É o martírio, considerado pela Igreja dom supremo e prova máxima de amor, pois, ao aceitar livremente a morte pela salvação do mundo, o discípulo se assemelha ao mestre, igualando-o no derramamento do próprio sangue. Poucos recebem esse dom, mas todos devem estar preparados para confessar a Cristo diante dos homens e segui-lo no caminho da cruz, em meio às perseguições que nunca faltam à Igreja.

A santidade da Igreja se sustenta ainda de modo especial pela observância dos muitos conselhos que o Senhor propôs aos seus discípulos no Evangelho. Em primeiro lugar, o precioso dom da graça divina feito pelo Pai (cf. Mt 19, 11; 1Cor 7, 7) àqueles que na virgindade e no celibato oferecem unicamente a Deus seu coração indiviso (cf. 1Cor 7, 32-34) e a ele se consagram totalmente. A Igreja sempre teve em grande conta esta prática da continência perfeita por causa do reino dos céus, considerando-a sinal e estímulo do amor, fonte espiritual particularmente fecunda para o mundo.

A Igreja medita na admoestação do Apóstolo. Estimulando os fiéis ao amor, ele os exorta a terem os mesmos sentimentos do Cristo Jesus, que se esvaziou a si mesmo, assumiu a condição de servo e se tornou obediente até a morte (Fl 2, 7-8) fazendo-se pobre por nossa causa, apesar de rico (2Cor 8, 9). É indispensável que a Igreja como mãe dê em todo tempo o testemunho e o exemplo deste amor e desta humildade. Por isso, se alegra de contar em seu seio com homens e mulheres que seguem de perto o Senhor e claramente proclamam o aniquilamento do salvador, abraçando a pobreza com a liberdade dos filhos de Deus e renunciando às suas próprias vontades. Submetem-se a outros, por causa de Deus, ultrapassando, na perfeição, a medida do preceito, para se tornarem mais próximos da obediência praticada por Cristo.

Todos os fiéis são chamados e obrigados a buscar a perfeição do próprio estado de vida. Cuidem pois, de manter o coração no caminho reto, para que o uso das coisas terrestres e o apego às riquezas não seja obstáculo ao espírito evangélico de pobreza, nem à busca da perfeição do amor, conforme a admoestação do apóstolo: Os que usam deste mundo passageiro, a ele não se apeguem (cf. 1Cor 7, 31)”.

Nota:54

cf. **LG, 4**: “Depois que o Filho terminou a obra que o Pai lhe confiara (cf. Jo 17, 4), o Espírito Santo foi enviado, no dia de Pentecostes, como fonte perene de santificação da Igreja, dando assim, aos que crêem em Cristo, acesso ao Pai (cf. Ef 2, 18). É o Espírito da vida, fonte que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4, 14; 7, 38-39), pois por ele o Pai dá vida aos homens mortos pelo pecado e, em Cristo, ressuscitará seus corpos mortais (cf. Rm 8, 10-11).

O Espírito habita na Igreja e no coração dos fiéis como num templo (cf. 1Cor 3, 16; 6, 19), em que ora e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gl 4, 6; Rm 8, 15-16 e 26). Leva a Igreja à verdade plena (cf. Jo 16, 13) e a unifica na comunhão e no ministério. Com os diversos dons hierárquicos e carismáticos, a instrui, dirige e enriquece com seus frutos (cf. Ef 4, 11-12; 1Cor 12, 4; Gl 5, 22). Rejuvenesce a Igreja com a força do Evangelho, renova-a continuamente e a conduz à união consumada com seu esposo. Por isso o Espírito e a esposa dizem ao Senhor Jesus: Vem (cf. Ap 22, 17).

A Igreja é pois o povo unido pela unidade mesma do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

Nota:55

cf. **Catecismo da Igreja Católica, 798**: “O Espírito Santo é o Princípio de toda ação vital e verdadeiramente salutar em cada uma das diversas partes do corpo. Ele opera de múltiplas maneiras a edificação do Corpo inteiro na caridade: pela Palavra de Deus, que tem o poder de edificar(AT 20,32), pelo Batismo, através do qual forma o Corpo de Cristo; pelos sacramentos, que proporcionam crescimento e cura aos membros de Cristo; pela graça concedida aos apóstolos, que ocupa o primeiro lugar entre os seus dons; pelas virtudes, que fazem agir segundo o bem, e enfim pelas múltiplas graças especiais (chamadas de carismas), através das quais torna os fiéis aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios, que contribuem para a renovação e maior incremento da Igreja”.

Nota:56

cf. **LG, 12**: “O povo santo de Deus participa da função profética de Cristo. Dá o testemunho vivo de Cristo, especialmente pela vida de fé e de amor, e oferece a Deus a hóstia de louvor como fruto dos lábios que exaltam o seu nome (cf. Hb 13, 15). O conjunto dos fiéis unguídos pelo Espírito Santo (cf. 1Jo 2, 20.27) não pode errar na fé. Esta sua propriedade peculiar se manifesta pelo senso sobrenatural da fé, comum a todo o povo, desde os bispos até o último fiel leigo, demonstrado no acolhimento universal a tudo o que diz respeito à fé e aos costumes. O senso da fé é despertado e sustentado pelo Espírito de verdade. Graças a este senso, o povo de Deus, seguindo fielmente o magistério sagrado, não obedece a uma palavra humana, mas à palavra de Deus (cf. 1Ts 2, 13) transmitida aos fiéis de uma vez por todas (Jd 3). A ela adere firmemente, entende-a em profundidade e a aplica melhor à própria vida.

Mas não é só pelos sacramentos e pelos ministérios que o Espírito Santo santifica, dirige e fortalece o povo de Deus. Distribuindo os seus dons a cada um, conforme quer (1Cor 12, 11), o Espírito Santo distribui graças especiais aos fiéis das mais variadas condições, tornando-os aptos e dispostos a assumir os trabalhos e funções úteis à renovação e ao maior desenvolvimento da Igreja, de acordo com o que está escrito: Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito, para utilidade de todos (1Cor 12, 7). Todos esses carismas, dos mais extraordinários aos mais simples e mais difundidos devem ser acolhidos com ação de graças e satisfação, pois correspondem às necessidades da Igreja e lhe são úteis. Não se deve porém cobiçar temerariamente os dons extraordinários nem esperar deles, com presunção, frutos significativos nos trabalhos apostólicos. A apreciação sobre os dons e seu exercício ordenado no seio da Igreja pertence aos que a presidem, que têm especial mandato de não abafar o Espírito, mas tudo provar e reter o que é bom (cf. 1Ts 5, 12.19-21)”.

Nota:57

cf. **1Ts 5,12.19.21**: “Irmãos, pedimos que tenham consideração para com aqueles que se afadigam em dirigi-los no Senhor e admoestá-los. Não extingam o Espírito, examinem tudo e fiquem com o que é bom”.

Nota:58

cf. **2Cor 12,9**: “Ele, porém, me respondeu: Para você basta a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder. Portanto, com muito gosto, prefiro gabar-me de minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim”.

Nota:59

cf. **Cl 1,24**: “Agora eu me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja”.

Nota:60

cf. **Eclo 38,11-12**: “Ofereça incenso e um memorial de flor de farinha, e faça gordas ofertas, conforme suas possibilidades. Depois, consulte o médico, pois também ele foi criado pelo Senhor. Não o afaste, porque você precisa dele”.

Nota:61

cf. **1Cor 14,19**: “Numa assembléia, porém, prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência para instruir também os outros, a dizer dez mil palavras em línguas”.

Nota:62

cf. **1Cor 14,3**: “Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola”.

Nota:63

cf. **CDC, Cân. 1172**: “Ninguém pode legitimamente fazer exorcismos em possessos, a não ser que tenha obtido licença especial e expressa do Ordinário local.

Essa licença seja concedida pelo Ordinário local somente a sacerdote que se distinga pela piedade, ciência, prudência e integridade de vida”.

Nota:64

cf. **1Cor 14,1**: “Procurem o amor. Entretanto, aspirem aos dons do Espírito, principalmente à profecia”.